

HELENA RODRIGUES

TODOS OS MEUS TONS DE AZUL

Título Original: Todos os Meus Tons de Azul

Autora: Helena Rodrigues

Copyright © Helena Rodrigues

Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto

Edição: Tânia Roberto

Revisão: Vânia Leite

Coordenação de Marketing: Iara Andrade

Diagramação: Tânia Roberto

Design de Capa: Ana Guedes

Marketeer: Ana Margarida Caçador

1ª Edição: outubro de 2023

2ª Edição: setembro de 2024

Acabamento/Impressão: Gráfica Printalia

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)

[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

Depósito Legal: 536901/24

ISBN: 978-989-9166-78-3



Para aqueles que nem sempre conseguem ver um futuro.



Nota de Autora



Este é um livro mais pesado do que inicialmente idealizei.

A premissa inicial era simples. Eu sabia o que queria fazer. Trabalhar com um trauma que eu própria vivi por momentos, quando, num verão não tão longínquo, com 19 anos, pensei na morte a sério, com um medo que nunca sentira até então. Tal como a Nora, vi como a água nos podia atrair de um momento para o outro.

Mas a parte fascinante da escrita é poder pegar em memórias e transformá-las. As personagens surpreendem-nos. Descobrimos coisas que não sabíamos sobre elas e que não pensávamos vir a saber. A Nora, o Jaden, o Cole, o Brady, o Nathan, a Jessica, o Desmond. Todos eles cresceram dentro de mim e dei-lhes as asas que precisavam para contarem os seus caminhos. Passei meses com eles. Espero que se apaixonem por eles tanto quanto eu me apaixonei. Espero que se apaixonem por eles tanto quanto eu me apaixonei.

Esta é uma história que, embora tenha um cunho de realidade, acaba por ser pouco realista. Ou não. Depende da vida e da perspetiva de cada um. No entanto, não quero que olhem para as idades com a perspetiva do que vocês eram nessa época. Esta é uma história fictícia e, assim sendo, não fazia sentido ser de outra maneira.



“is it you” – Iann Dior

“Fears” – F.E.A.T.S

“make it worse” – Jack Duff

“Strangers” – 44phantom

“Starlight” – Taylor Swift

“Walking Away” – F.E.A.T.S

“Afterglow” – Taylor Swift

“The Only Exception” – Paramore

“Under The Water” – The Pretty Reckless

“January Rain” – PVRIS

“sinking (interlude)” – Iann Dior





sem ar

Vais ficar a olhar?
O ar prende-se nos meus pulmões assim que oiço as vozes em volta. O meu corpo paralisa sob o ar quente de verão. Obrigó-me a olhar para o que está a acontecer, mas não consigo obedecer. Sinto o meu mundo de pernas para o ar. O coração dispara-me no peito, gritando que não devia ter relaxado, que o passado viria para me assombrar. Inspiro fundo com bastante dificuldade. Por momentos, não distingo onde estou e receio estar de volta àquele momento. O momento em que a minha vida parou.

— Por amor de Deus!

Os murmúrios em volta intensificam-se e consigo imaginar-me numa arena prestes a ser sacrificada.

— Que tipo de pessoa não tenta ajudar os outros?

Quero desesperadamente levantar-me e correr para a água. Quero ser mais uma destas pessoas que por mim passam. Mas não consigo. Fiquei presa naquele dia, há treze anos.

Um toque no meu ombro desperta-me um choque no cérebro. Olho para a silhueta da pessoa que me fita de volta, porém, não há forma de a ver verdadeiramente. Os contornos do seu rosto transformam-se em nevoeiro, assim como tudo à minha volta.

— Estás bem?

Volto a encarar a cena à nossa frente. É como se fosse eu, ali, a ser engolida por toda aquela água novamente. Mas a voz desta pessoa ao meu lado mostra-me que estou em terra.

— Não pareces bem.

Absorvo o ar quente ao meu redor, que parece querer fugir-me. Eu insisto. Insisto porque já insisti antes. Um grupo de indivíduos traz, num esforço medonho, a rapariga da água. Deitam-na bem perto de mim. Demasiado perto. É neste momento que o mundo se foca. Reconheço a realidade pelo que ela é. E tenho um par de olhos negros e zangados pousado em mim.

— Obrigadinho! Se dependesse de ti, ela morria.





com quem casavas?

Envolvo as mãos nos joelhos e trago-os ao peito, a areia raspa suavemente nos meus calções. As minhas retinas continuam estagnadas. Ou assim parece. Não as sinto mexer. Ela chegou à praia inconsciente. Tiveram de a reanimar, tal como eu fui. Não sinto pena, não sinto culpa. Sinto-me sufocada, como se ainda precisasse de expelir a água em excesso. Mas não fui eu quem engoliu a água. Não era eu no mar. Então, porque é que era a mim que eu via?

— Ainda não disseste uma palavra. Eu só preciso de saber se estás bem.

Percebo que este ser, este homem, continua a meu lado. Estamos ambos sentados no imenso areal da praia. Ele olha-me com a preocupação a emanar na minha direção.

— Sim! — digo por fim. — Estou bem.

Ele franze o sobrolho, unindo os lábios numa linha fina. Não lhe consigo ler a expressão.

— O que é que se passou há pouco?

Pigarreio, procurando entre o vento a desculpa ideal. Não quero mostrar o que sou. O que fui. O que morreu em mim há treze anos.

— Nada! Eu...

— Tu paralisaste — interrompe, apressado.

— Não! Bem, sim...

— Não tentes negar. Sei reconhecer o trauma quando ele está lá.

Engulo em seco. Trauma não é a palavra certa. Não soa bem. Não soa a verdade. *Pesadelo*. Talvez essa seja a melhor maneira de descrever quem eu sou e no que me tornei.



As manhãs eram frescas, as tardes quentes, mas era nas noites que pairava uma brisa agradável. Com o verão a aproximar-se, conseguia perceber que nunca fora tão feliz como naquele momento. Sob as estrelas, com o Jaden e o Cole a meu lado, observávamos as constelações que se formavam lá no alto.

Com as batatas fritas entre nós, comíamos e ríamos num início de noite agradável. Após um dia em cheio no rio, aquele era o momento perfeito. O culminar de um dia prazeroso, como só ter treze anos proporcionava. A inocência das nossas respirações alinhadas na noite estrelada de junho.

— Vocês acham que ainda seremos amigos daqui a cinco anos? — perguntou o Jaden, interrompendo o silêncio já estabelecido há uns minutos.

— Claro! Mas tens dúvidas? — respondeu o Cole.

— Então e daqui a dez anos?

— Dez anos é muito tempo — intervim.

— Não é nada, Nora. Vais ver que passa num instante. A minha irmã Safira já vai casar e ainda agora tinha doze anos.

— Jaden, a tua irmã vai casar ridiculamente cedo — participou o Cole.

— Não vai nada. Só tem dezanove anos — retorquiu indignado, apoiando-se num dos cotovelos para nos encarar.

— Isso é cedo, Jaden — disse.

— Oh, vocês não percebem nada da vida. Sabem lá o que é cedo ou tarde. Só têm treze anos.

— Também tu! — acrescentou o Cole, e rimos os dois.

— Mas os meus treze anos são mais avançados.

— Continua a dizer isso a ti mesmo — rematou o outro rapaz do meu lado esquerdo.

O Jaden deitou-se de novo, admitindo a derrota. Aceitou-a, como costumava fazer. Não tinha medo de se impor, mas também sabia ver quando não tinha razão, ou quando podia ter.

— Vá, não amues. Se a Safira sente que está na altura, está tudo bem. Agora, não me peçam para casar tão cedo — disse, com o sorriso a escapar-me dos lábios.

Desta vez, quem se apoiou no cotovelo foi o Cole, atentando em nós, nos seus melhores amigos.

— Com quem casavas, Nora? De nós os dois, quero dizer.

Franzi o sobrolho. Mas que pergunta era aquela?

— Sei lá, Cole. Nenhum, acho eu. Vocês são os meus melhores amigos.

— Tens de escolher um — aderiu o Jaden.

— Recuso-me. E parem com isso!

— Não! Escolhe alguém — insistia o Cole, o olhar do Jaden igualmente ansioso.

Suspirei. Recusava-me a escolher um deles. Por isso, brinquei, na esperança de que o assunto fosse esquecido.

— Está bem. Eu casaria... — pausei por uns segundos, com a intenção de

adicionar mais drama à resposta. Reparei como eles abriram os olhos, ansiosos pelas minhas palavras. — Casaria com o Joe Jonas.

Observei os rostos dos dois rapazes murchar. Aquela não era a resposta que esperavam, eu sabia. Dei por mim a rir.

— Não tem piada, Nora. Eu e o Jaden estamos a falar a sério.

— Também eu. E parem lá com isso de me fazer escolher. Já sabem que eu não quero escolher. Nem vou fazê-lo.



— Toma! — diz esta pessoa ao meu lado.

Entrega-me um copo de água. Arregalo os olhos ligeiramente. Não quero que ele repare na minha reação. A imagem da água em movimento neste copo em nada se assemelha à imensidão do oceano à nossa frente. Respiro fundo e agarro-o. Reparo que estou a tremer. Não poderia ser mais evidente. Agora, este indivíduo vai, sem dúvida, perceber que não estou bem. Não há como negar.

— Eu estou bem — tento convencê-lo do que é irrefutável.

— Não estás nada. Vá, bebe.

Aceito, por fim, o desfecho. A água passa-me pelo esófago e segue até ao estômago. Mesmo que não queira, sucumbo ao seu efeito. No entanto, permaneço em desarmonia.





devias ter sido tu

— Tu! — Oiço de novo aquela voz ao fundo. Não levanto a cabeça. Os meus olhos mantêm-se no copo, ainda na minha mão. — Sim, tu. Deves achar que só por seres bonitinha te podes safar disto.

É comigo que esta voz discute, mesmo que eu não conteste o que está a ser atirado na minha direção. As palavras perdem a força quando me atingem. O choque é maior do que a minha vontade de me defender. Encaro o indivíduo que não se deixa acanhar, gritando obscenidades. Encolho-me finalmente, arrastando-me pela areia.

— Ei, tenha calma, por favor. Não vê que ela não está bem? — responde o homem a meu lado.

— Estás a defendê-la? Ela claramente tem algum problema. A pobre miúda podia ter morrido e ela ficou a olhar!

Problema! Eu tenho um problema? Tenho! Tenho mesmo. Abano a cabeça, afastando o pensamento e concentro-me na voz dos dois homens.

— Podia, mas não morreu. E não é com acusações que consegue o que quer que seja.

— Ai, é? E porque é que a tua namorada não fala? Não tem voz própria?

Olho para ele. Para o indivíduo que me ataca. Um homem de meia-idade, com cabelo grisalho e rugas a surgir no rosto. Uma veia salta-lhe na testa. Está pronto para me bater. Engulo em seco. Tenho de me impor. Preciso de me defender. Mas como?

— Ele não... Nós não somos namorados — consigo dizer. E recrimino-me em seguida.

De tudo o que poderia ter dito é isto que me sai? Como se fosse minimamente relevante mencionar que não estou comprometida com o desconhecido que me acompanha. Sei a resposta que me espera.

— Desculpa? Ó, miúda! — Agarra-me a *t-shirt*, obrigando-me a olhá-lo nos olhos negros que possui. — Mas tu achas que isto tem piada?

— Chega! Largue-a!

O desconhecido que permanece ao meu lado dá um pequeno empurrão no homem que me agarra. A pressão desaparece. Deixo-me cair na areia e sinto o embate no meu rosto. Observo as humildes partículas de rocha degradada prestes a invadir os meus olhos. Porém, mantenho-me apática. Nem a substância mineral na minha pele me recolhe da indolência.

Trauma. Uma vozinha repete na minha cabeça. Será?

— Devias ter sido tu. Assim ninguém te salvaria e, aí, queria ver se continuavas com essa atitude.



Caminhávamos pelas estradas longas entre os edifícios. Sentia o meu fio dourado a bater-me no pescoço. A meia-lua nele pendurada confortava-me o peito, protegendo-o de tudo o que me desconcertava. Aos treze anos, não eram muitas as coisas capazes de tal proeza. Era uma sortuda, tinha essa noção.

Eu, o Cole e o Jaden éramos inseparáveis desde o início do ciclo, quando, sem querer, invadi o balneário dos rapazes. Não me sentira envergonhada. Desatara a rir desalmadamente e eles, contagiados pelo meu riso explosivo, juntaram-se à minha insanidade. Desde esse dia, nunca mais nos largámos. Tornámo-nos os melhores amigos.

Era mais uma manhã fresca de início de junho. Passávamos pela gelataria quando fomos abordados pela Jessica, a miúda popular da escola. A Jessica era a típica rapariga esbelta, que chamava a atenção apenas com uma respiração. Mas não era a nossa praia. Desafiava-nos aos três constantemente. Essa parecia ser a sua missão mais importante.

— Não se perderam no lago hoje?

— Ainda nem fomos ao lago. Aliás, não é um lago. É um rio — respondeu o Cole.

— Estás-me a ver interessada, Cole?

O desprezo era evidente. A boca curvava-se para baixo e os olhos semicerravam enquanto atentava no que vestíamos, como falávamos. Ela não procurava escondê-lo.

— Se não estás interessada, então porque é que continuas a puxar conversa connosco? — continuou o Jaden.

— Se calhar porque me dá gosto ver-vos à procura de resposta — riu-se. — Na verdade, chega a ser triste.

— Acho que a única triste aqui és tu.

— A Nora tem razão — tentou o Jaden de novo.

A Jessica irrompeu numa gargalhada ruidosa. O fogo crescia dentro de mim, e tenho a certeza de que não era a única. Ela conseguia tirar-nos do sério. E era ridículo, pois era tão imatura quanto nós. Mas ser adolescente era isso mesmo. Sentir! Sentir tudo, e de forma muito intensa. E quando sentimos, nem sempre pensamos.

— Eu tenho mais que fazer, mas muito obrigada pela terapia do riso. Vocês são hilariantes.

Seguiu caminho, atravessando-se entre nós. Observámo-la enquanto se afastava mais e mais, o máximo possível.

— Não suporto esta miúda. — O Jaden rodava sobre si mesmo, de punhos cerrados. A adrenalina confundia-lhe o sistema.

— Tem calma, Jaden. Não vale a pena chatearmo-nos por causa dela. — Eu tentava criar o equilíbrio, embora sentisse a mesma quantidade de ira.

— É difícil, Nora. A miúda manda bocas bem feias. Qualquer dia, eu...

— Tu nada, Cole. Nós não vamos fazer nada contra ela. Deixa-a ser parva.

— Mas, Nora, ela trata-nos como lixo. Não devíamos aceitar tal coisa. Somos melhores — defendeu o Jaden.

— E é precisamente por sermos melhores que não vamos fazer nada — respondi, dando por terminada a discussão.

Ter dois rapazes no grupo, com a testosterona a correr-lhes no sangue, dificultava a racionalização das questões. Por isso mesmo, eu esforçava-me por ser a madura dos três. Ainda assim, nem sempre funcionava. Afinal de contas, eu própria tinha treze anos. E, nessa idade, não sabemos analisar todas as situações. Nem sempre somos capazes de tomar as melhores decisões.



O meu rosto está húmido. Estou a chorar? Aqui, à frente de todas estas pessoas que desejam o meu fim? Que desejam que eu sofra o que a rapariga há pouco sofreu? A verdade é que nunca saí desse ciclo de sofrimento. E, agora, deparo-me com tudo a acontecer de novo. Talvez seja essa a prova de que não serei capaz de fugir.

— Eu sou o Desmond. Quero que saibas que não estás sozinha. Independentemente do que possas sentir neste momento, e do que quer que te tenha acontecido, não estás presa num poço sem fim.

Oio as palavras do dono daquele cabelo preto. Tão preto que me perco nele. Pela primeira vez hoje, sinto paz. De olhos postos neste homem, no Desmond, sou inundada pela calma que não sentia desde os treze anos.

— Eu estou bem. — Não tenho a certeza, porém. E ele percebe de imediato.

O Desmond oferece-me um pequeno sorriso, que se reflete nos meus lábios.

— Não devias ter sido tu. Espero que saibas.

O meu corpo enche-se de arrepios duvidosos. Não tenho a certeza se pelas palavras, ou se pela pessoa que as proferiu.

— Nora! É o meu nome.

Ele volta a sorrir.



o último dia de aulas

Era o último dia do sétimo ano. O dia por que tanto esperáramos. O fim de mais um ano escolar. O fim da tortura. Sim, porque o nosso trio não era excessivamente bem visto entre os demais. Aparentemente não era normal que quiséssemos estar sempre juntos, apenas os três. Havia quem achasse que éramos namorados. Mas eu não me importava. Habituara-me desde sempre a fazer parte dos esquisitos.

— Vamos ao rio hoje? — A cabeça do Jaden espreitava por detrás de mim, de modo a poder visualizar o Cole também.

— Claro! Mal posso esperar. Já não aguentava mais este ambiente e estas pessoas todas — respondeu rapidamente o Cole.

Revirei os olhos, o sorriso a escapar-se-me.

— Somos dois. Não vou ter saudades nenhuma.

— Oh, nem tudo na escola é mau — contestei, sem qualquer certeza.

Ambos encararam-me e, após uma breve pausa, desatámos num riso incontrolável.

— Pois não, Nora. É tudo péssimo — riu o Jaden.

Abandonámos o recinto escolar, aliviados por saber que teríamos três meses até ao regresso. Três meses de pura liberdade. Senti passos a aproximarem-se e suspeitei de quem se tratava.

— Ei, esquisitos, esperem aí!

Jessica! Só o nome irritava. Ela tinha um talento especial para nos chatear e eu não percebia como existiam pessoas capazes de a suportar.

— Então, amigos, é hoje que desaparecem de vez nas águas do rio sujo onde costumam ir?

— Tu não tens mais nada que fazer, Jessica? — bufou o Cole, já sem paciência para os comentários da intempestiva jovem.

— Não, Cole, não tenho. Eu conto os minutos e os segundos para o vosso fim.

— Primeiro, é bom saber que somos uma parte tão importante do teu dia. E segundo, que macabro! — comentou o Jaden.

— Será, Jaden? Simplesmente acho que fariam um favor ao mundo se fossem e não voltassem.

— Acho que te estás a confundir contigo mesma. — Desta vez, fui eu quem participou.

— Olhem só, afinal a Nora Dawson tem voz — riu.

Revirei os olhos.

— Já tu, não tens nenhuma dignidade — ripostou o Jaden, pronto para o combate, quer físico como verbal.

Se havia alguém capaz de ganhar com o intelecto, assim como com uma boa luta, era ele. Jaden Cobb. O rapaz mais alto da turma inteira. Tinha apenas treze anos, mas ninguém diria. Todos lhe davam mais idade, graças aos ombros largos e à altura fora do comum para a idade. Contudo, era apenas a imagem, pois nem sempre o raciocínio o acompanhava. Não se podia negar que era o aluno mais inteligente. Mas inteligência nem sempre iguala astúcia. Nisso, era eu quem comandava.

— Tens tanta piada, Jaden. É uma pena andares com esses dois. — Olhou-o de cima a baixo e suspirou. — Tens tanto potencial.

Observei os olhos do Jaden revirar, possivelmente a tocar no crânio. O sentimento era partilhado entre os três.

— Pronto, Jessica, agora que já nos insultaste imensas vezes, podes ir embora?

— Eu vou, Cole. Não quero desperdiçar mais tempo — começou a afastar-se, ainda com o sorriso provocador estampado no rosto.

— Vai lá pensar em nós mais um bocadinho — gritou-lhe o Jaden uma última vez.

— Que otária! — disse eu.

— Continuas a achar que não devíamos fazer nada? — As palavras do Cole fizeram-me refletir. Ainda assim, não podia ceder ao nível dela.

— Sim! Nós não somos como ela.

— A tua sorte é que nós gostamos muito de ti, Nora. A minha paciência já se esgotou há muito.

Sorri ao ouvir as palavras do Jaden. Juntos, seríamos sempre melhores.

— Tu sabes que eu sou tímido e paranoico — argumentava o Cole.

— Não só. Também tens a mania da perseguição, pavor a aranhas, és demasiado fechado e nunca falas de sentimentos... Mais... Ah, não gostas de chocolate. Que tipo de psicopata é que não gosta de chocolate?

Ouvia as vozes deles como um sussurro perdido no vento, enquanto a água entrava nos meus ouvidos. Estava em paz. Confiava na água a cem por cento. Era o único sítio onde sentia pura serenidade.

Nem sempre fora assim. Em tempos, temera o que esta me poderia fazer. Aos seis anos, quando visitávamos a piscina municipal com a escola, eu deixava-me ficar sentada nas margens. Receava o que me poderia acontecer. Não era lógico. Não tinha razão de ser. Ficava de lado a observar todas as outras crianças a rir, a tentar nadar, a criar histórias. A pequena Nora deixava-se consumir pelo medo irracional.

Após uma conversa entre a professora e a minha mãe, acabei em aulas de natação para “*superar o medo*”. Não aceitei bem a ideia de início. Mas a verdade é que resultou. E, um ano depois, eu não era a mesma. Nadava por entre as pernas dos meus colegas, impressionando-os com a minha resiliência e habilidade. Nem eu conseguia acreditar que era a mesma miúda que se recusava a entrar na água, com medo de que esta a engolissem. Um ano depois, era eu quem a engolia.

Na água, descobri a minha confiança. Vi o meu futuro. Soube que encontrara a minha direção.

— Nora, tu estás a ouvir alguma coisa? — A voz do Cole trouxe-me de volta à realidade. E a minha realidade não mudara. Continuava a passar pela purificação da minha alma na água, o meu lugar seguro.

— Não! Estava a pensar.

— Ela não pode concordar contigo. Vês? — afirmou o Jaden.

— Porquê? Concordar em quê? — questionei, curiosa.

— O Jaden está a inventar coisas. Não liguês — retorquiu o Cole com um revirar de olhos à porta.

— Ele diz isto porque não quer admitir que nos abandonaria se fôssemos atacados por uma aranha gigante.

Levei a mão à cabeça, incrédula com a conversa descabida.

— Vocês lembram-se de cada coisa — ri.

— Não é verdade, *ok*? Eu não vos abandonaria. A Nora sabe.

Na verdade, não sabia. O Cole podia ter um ar confiante, mas era bastante medrascas. Qualquer inseto o levava para um estado de pavor descomedido. Não havia realmente maneira de dizer se fugiria sem nós ou não. Limitei-me a rir com o tema.

— Olha, eu não vou discutir mais isto. Nem sequer confiavas em mim para te proteger?

— Jaden, eu sei que tu és forte, mas eu não preciso que me defendas — respondeu-lhe o Cole com a ofensa a fazer-se notar na voz.

— Eu defendia-te na mesma, Cole. Não te preocupes. Se algum dia aparecer alguma aranha gigante, eu mato-a por ti — desatou numa gargalhada bem audível.

Éramos os únicos no rio. Era raro encontrar pessoas naquele que era o nosso sítio. Nunca percebi muito bem porquê. Era um lugar lindo, tranquilo, com águas passivas. Éramos capazes de passar dias inteiros dentro das mesmas. Nadávamos, saltávamos, corríamos, falávamos, ríamos.

Aos treze anos, a vida era boa. Mas, nesse verão, tudo mudou.

Corri até casa, com o cabelo ainda a pingar. Ao longe, o sino da igreja tocava as seis badaladas. Um enorme sorriso abriu-se no meu rosto quando abri a porta do meu doce lar. Após uma tarde no rio, tudo o que precisava era de um banho quente e relaxante.

O Nathan estava no sofá, com a guitarra entre os braços. Não estava sozinho. O Brady estava com ele. O Brady era o melhor amigo do meu irmão. Calhava de ser, também, a minha grande paixoneta desde os dez anos. Suspirava por ele arduamente, como se a minha vida dependesse disso.

Pigarreei, consciente das roupas molhadas e agarradas ao meu corpo de pré-adolescente. Senti os seus olhos em mim e quis fugir imediatamente. No entanto, forcei-me a encará-lo, como qualquer rapariga mais velha faria.

— Olá, Brady! Não sabia que estavas aqui — disse, tentando manter a calma.

— Não era suposto, mas o teu irmão não sabe viver sem mim.

O Nathan lançou-lhe um sorriso trocista e olhou para mim em seguida.

— Mana, os pais voltam tarde hoje. Jantas connosco?

— Eu... — O meu coração palpitava descontroladamente no peito. Relembrei a minha motivação, a de parecer calma e madura. — Sim, claro. Vou só tomar um banho.

— Vamos encomendar *pizza*. Pode ser? — questionou o Brady. Atentei nos seus olhos azuis uns segundos a mais antes de responder, as pernas tremiam e a água pingava do meu cabelo para o chão.

— Está ótimo. Até já!

Subi em passo acelerado as escadas, as faces ardiam, graças ao embaraço. Fechei a porta do quarto atrás de mim, encarei o teto e gritei sem voz. *Porque é que sou tão estúpida? Ele deve ter reparado que estava toda a tremer.*

Tomei banho o mais rápido que consegui, entusiasmada com a noite que me esperava. No meu estômago, conseguia sentir o rebuliço a nascer, à medida que esfregava os restos da água do rio do meu corpo. Imaginei diversos cenários e em nenhum deles sabia o que fazer. O Brady olhava-me

e eu engasgava-me nas palavras, demasiado consciente de cada movimento. O que poderia eu dizer a um rapaz de dezassete anos, de modo a que ele me olhasse como um igual?

Quem é que eu queria enganar? Era apenas uma miúda de treze anos. Ele nunca olharia para mim. Sequei-me e encarei o meu corpo imaturo no espelho. Não era assim que eu queria que ele me visse. E eu também não queria olhar para esta versão de mim mesma. Vesti-me, ignorando as dúvidas, e num instante estava de volta à sala.

Comemos a *pizza* em silêncio, apenas com o ruído de fundo da televisão.

— Hoje também foi o teu último dia? — Ouvi a sua voz doce ecoar nos meus ouvidos.

— Sim... finalmente.

— Finalmente porquê? Quem me dera a mim estar no sétimo ano outra vez — interferiu o Nathan, o meu irmão inconveniente e malcheiroso.

— As pessoas não deixam de ser uma merda, Nathan — respondi-lhe, já a fervilhar por dentro.

O Nathan era espetacular, mas conseguia ser cansativo por vezes. Achava que sabia tudo porque tinha mais quatro anos do que eu. Como se fosse grande coisa. Dali a sete anos, quatro anos seriam apenas um número insignificante.

— Vê lá como falas, Nora — replicou.

— Olha lá, Nate, a tua irmã tem razão. Ou já te esqueceste do James? — sorri com o apoio do Brady.

— Ui, nem me fales desse gajo. Que nojo de tipo — acrescentou.

— Vês? Nem tu gostaste de ter treze anos — repliquei.

— Mana, ninguém gosta de ter treze anos. — Olhei-o com a sobrelheira arqueada, mostrando o quão infundado o achava. — Desculpa, mas não te consigo levar a sério, por isso escusas de fazer essa cara.

Levantei-me, pousando o que sobrava da minha fatia na caixa. Detestava quando o Nathan me tratava assim.

— Estava ótimo o jantar. Aproveitem o resto. — E saí em direção ao meu quarto.

Ainda o ouvi dizer: “*E depois quer que eu a trate como uma adulta.*”, antes de alcançar a minha porta.





seremos sempre melhores

— Ele disse mesmo isso?
Acenei com a cabeça. O Cole colocou o braço à minha volta, expressando o seu companheirismo. Depois daquela noite, dormi durante dez horas seguidas. Ignorara o Nathan quando nos cruzáramos de manhã, antes de sair para passar o dia com o Cole e o Jaden. Esperávamos por este à porta da sua casa. Era típico do Jaden combinar uma hora connosco e depois fazer-nos esperar algo parecido com uma eternidade.

— Não liguês, Nora. Tens-nos a nós. E se queres saber, não acho que sejas imatura.

Sorri. O Cole era a pessoa mais amigável que já conhecera. Preocupava-se com todas as pessoas e sentia cada dor dos seus amigos.

— Só gostava que o Jaden se despachasse. Preciso de entrar na água — desabafei.

— Espera aqui um pouco.

Observei o Cole afastar-se e, num instante, regressou com uma das mãos repleta de pequenas pedras.

— Cole?

— Ele já vai ver! JADEN! SEU MACACO, DESPACHA-TE!

Silêncio. O Cole inclinou a orelha na direção da janela do quarto do Jaden, como se fosse capaz de ouvir qualquer coisa àquela distância. Cravou os olhos em mim e sorriu.

— A diversão vai começar. — Voltou-se para a janela. — Ó, IDIOTA! — Atirou uma das pedras no instante em que gritou. Porém, em vez de acertar no vidro, acabou a enterrar a humilde rocha na testa do Jaden que, entretanto, abria a janela.

— Mas tu és parvo ou fazes-te, Cole? — resmungou o Jaden, com ambas as mãos agarradas à testa.

Tentei não rir, mas não consegui evitar. A cena perante mim era demasiado desopilante para não o fazer. O Cole rapidamente se juntou a mim.

— Continuem a rir, crianças. A vingança há de vir. — Aproximou os dedos dos olhos e fez-nos sinal como quem avisa que estará de olho em nós. Fechou a janela e, sem demora, apareceu ao nosso lado.



Estou de pé no passadiço que liga a areia ao parque de estacionamento. O Desmond mantém o braço em meu redor. Encaro o chão, atribuindo-lhe a responsabilidade de me ajudar.

— Eu levo-te a casa, está bem?

Aceno com a cabeça. Não me sinto capaz de fazer muito mais. Qualquer palavra parece um esforço mínimo e insignificante depois do que aconteceu.

“Devias ter sido tu.” Devia mesmo.

Essa é a culpa da qual nunca me livrarei. Segundo o desconhecido, devia ter sido eu, mas, no fundo, não merecia um final destes. Não merecia ser salva como a rapariga na água. Como acabei por ser. Treze anos se teriam passado desde o meu fim.

— Em que é que estás a pensar?

Sou interrompida pela voz suave e grave do Desmond. Olha-me com os seus olhos azuis e doces.

— Nada de mais. Obrigada... por tudo. Por... não me teres atacado. — Deposito a minha sinceridade nele e a minha resposta vem logo de seguida.

— Não agradeças, de todo. Não posso julgar-te se não conheço a tua história.

Sinto os cantos da boca a abrir-se num sorriso. Por sua vez, o Desmond coça a nuca, pressionando os lábios ao mesmo tempo. Parece querer dizer algo, porém, o que quer que seja, acaba por guardar para si mesmo. Ao fim de alguns passos lentos, estamos sentados no seu carro e eu olho pela janela, para aquele mundo que me aprisiona. Fujo da água, novamente. Como faço desde aquele dia.



Fechara os olhos para apreciar o ambiente à minha volta. Ali, estava em casa. O sol batia-me na derme morena por entre a água do rio. A mistura do calor e do frio assegurava-me de que a harmonia ainda existia em mim.

— Tu não esperes pela demora, Cole!

— Eu tenho lá culpa que demores imenso a meter maquilhagem.

— Primeiro, tens culpa deste galo enorme que tenho na testa. E segundo, a maquilhagem faz-me sentir bem. Não julgues.

— Tu usas mesmo maquilhagem?

— Sabes que estamos no século vinte e um e hoje em dia é *sexy* quando um homem usa *eyeliner*?

— Um homem?

— Sou mais homem que tu, seu ignorante!

— Pessoal! — Senti-os calar e fixar em mim. — E se parassem por um bocadinho de discutir coisas parvas e aproveitassem este dia lindo?

Abri os olhos e espreitei por detrás da água. Ambos olhavam-me, abismados.

— Nós... nós não estávamos a discutir — confutou o Jaden.

Levantei-me, pondo-me de frente para eles, os dois rapazes que mais amava no mundo, mas também os que mais me enfureciam.

— Estão a desperdiçar o vosso tempo com essa conversa da treta. Já repararam em tudo isto à nossa volta? — disse, apontando para a água que nos envolvia e as árvores que a acompanhavam. Senti a vegetação a raspar-me nos pés e encolhi-me com as cócegas provocadas.

— Nem todos temos o mesmo fascínio que tu pela água, Nora.

Dei por mim a ignorar a afirmação do Cole, concentrando-me apenas no quão húmidas e enrugadas as minhas mãos estavam e nas texturas do ambiente. Lera algures uma vez que estas enrugavam, pois começavam a adaptar-se ao estado da água, procurando tornar-nos humanos, capazes de habitar um ambiente marinho. Havia achado arrebatador. O quão perfeitos conseguíamos ser. E a vontade que me dera de mergulhar num mundo mágico onde isso pudesse ser possível. Viver na água, pertencer para sempre à água seria o destino ideal. O verdadeiro sonho.

— Nora? Estás aí? — Senti-me a acordar. — Eu e o Cole estamos a chamar por ti há minuto e meio.

— Aqui! Aqui eu sou feliz. O meu mundo é este. Rodeada de água, convosco, com este sol. Não preciso de mais nada.

— O Jaden era capaz de precisar de um frigorífico cheio de comida. Não sobreviveria só com o cocó dos peixes.

— Tens uma piada, Cole Simmons.

— Juntos, seremos sempre melhores — sorri-lhes. — Lembrem-se sempre disso.

— Assim fico comovido, Nora — afirmou o Cole, com o dedo a segurar a lágrima invisível do olho.

— Ui, para além de ter pavor a aranhas, ainda é chorão — provocou o Jaden, o sorriso imoral sempre nos lábios.

Sorri com ele. Eu sabia que estava a brincar. Não havia nada mais precioso para o Jaden do que as emoções.

— Seremos sempre melhores — sussurrei, para apenas eu e a água ouvirmos.





fica mais um pouco

Entre em casa focada em regressar ao meu quarto.
— Ei, Nora!

Parei! Soube que era ele, o meu irmão. Não queria ter de o enfrentar, mas também não tirava prazer em estar chateada com ele. Fixei os seus passos ao sair da cozinha, detendo-se à minha frente.

— Ouve, eu não quero que fiquemos assim. Desculpa o que disse ontem. O Brady fez-me ver o quão injusto fui.

— Pois foste! — deitei-o abaixo.

— Quero que ajas como uma adulta, mas nem te dou oportunidade de o fazeres. — Reparei no quanto lhe custou proferir as palavras, mas apreciei-as.

— Tens de te lembrar que, mesmo que eu queira ser adulta, tenho apenas treze anos, e é normal que não saiba tudo. Mas tu também não és nenhum sábio.

— Tens toda a razão, Nora. Desculpa!

Sorri ligeiramente. Ele reparou e aproximou-se para me abraçar.

Nessa noite, o Nathan levou-me a sair com ele, após muito insistir junto dos nossos pais. Queria compensar-me pelo dia anterior, e eu não me opus, imaginando logo quem poderia estar presente.

Confirmei as minhas suspeitas assim que chegámos ao cais. O Brady tocava uma melodia baixa, quase impercetível, mas nunca impossível para os meus ouvidos. *The Only Exception*. Recordava a letra à medida que me deixava inundar pela magia da mesma.

*“When I was younger, I saw my daddy cry
And curse at the wind
He broke his own heart and I watched
As he tried to reassemble it”*

Observei-o enquanto dedilhava as notas nas cordas duras do instrumento. Podia jurar que me apaixonara naquele momento. De uma simples paixoneta passara à profunda admiração por aqueles olhos azuis e pelo magnetismo à sua volta.

O cabelo castanho-avelã desalinhado refletia a luz da lua. De forma involuntária, alcancei o fio dourado no meu pescoço. A meia-lua no meu peito, em harmonia com a lua no céu, e acompanhando o sangue desregulado que corria nas minhas veias, levava-me a crer que não poderia nunca sentir uma paixão tão ardente como aquela.

Era tudo tão intenso e eu nunca lhe tocara. Trocáramos poucos olhares, ríamos de algumas piadas que o meu irmão contara, mas nunca ficáramos sozinhos.

— Vais ficar aí a olhar, maninha?

Eu era a única de pé. Senti as faces corarem e logo me sentei junto a ele, ao Brady. Agradei a uma força divina qualquer, na qual nem tinha a certeza se acreditava, pela oportunidade de estar tão perto dele.

— E então, miúda, como estás? — perguntou a Sienna, uma das amigas do Nathan.

Preparei-me para responder quando deixei de ouvir a melodia de fundo. O Brady encarava a Sienna.

— Para lá de lhe chamar miúda. Já não é nenhuma criança.

Baixei a cabeça, procurando esconder o sorriso evidente no meu rosto. Quis agradecer-lhe, mas não sabia como o fazer.

— Vá, é por causa disso mesmo que ela está aqui hoje. Tenho de parar de a tratar como tal. E vocês deviam fazer o mesmo.

Rodei na direção do Nathan. Acenei-lhe ligeiramente, um sincero obrigada pelas palavras.

— Ai, é? Então, é hoje que bebes connosco, Nora? — chutou outro rapaz, Bob.

— Vamos lá ter calma — avisou o meu irmão.

— Aqui ninguém bebe, Nora. — Tentou assegurar a Sienna, no entanto, ambas sabíamos que essa não era a verdade. Não que me incomodasse. Esperava poder fazer o mesmo quando chegasse à idade deles. — Na verdade, somos básicos e passamos as noites a olhar para o rio com o Brady a tocar de fundo.

Eu gostava da Sienna. Aspirava ser como ela um dia. Confiante, bonita, capaz de deslumbrar qualquer rapaz. Ou se calhar, eu não queria deslumbrar *qualquer* rapaz, talvez só um.

— Parece-me bem.

Atentei na água que passava por baixo das nossas pernas. Conseguia ouvi-la e isso era o suficiente para me transportar para o meu lugar seguro.

— Ei, pois é. Nora, és tu que adoras nadar, não é? — berrou o Bob, dando um gole numa garrafa suspeita em seguida.

— Ela não nada, Bob. Ela venera a água — esclareceu o Nathan.

— Eu acho bonito — afirmou o Brady que, entretanto, voltara a vibrar as cordas nos seus dedos.

— Achas bonito venerar a água? — tossiu o Bob.

— Não! Acho bonita a relação que ela tem com a água.

— E que tal deixarmos a rapariga falar?

— É isso, Sienna. Fala, moça — concordou o Bob rapidamente.

— Sim, eu... não venero a água — parei para refletir. — Bem, talvez um bocado.

— Ah, vês, Brady? Eu tinha razão.

Soltei uma gargalhada em conjunto com todas aquelas pessoas mais velhas, mas tão novas quanto eu.

— Mas não só — acrescentei. — A água é... é onde pertenço. É o meu refúgio. Não preciso de nada se puder deitar-me por entre ondas ou correntes.

O silêncio instalou-se à minha volta. Os olhares estavam todos vidrados em mim. Questionei se não teria sido demasiado profundo, se não achariam tudo aquilo ridículo.

— Uau!

— Uau mesmo, Sienna! Fiquei parvo do cérebro.

— Isso já eras, Bob!

Voltámos a rir. Com a água do rio a ecoar nos meus ouvidos, a melodia do Brady de fundo e as gargalhadas, uma bonita consonância crescia entre nós. Duas horas depois, o Bob cambaleava dali para fora com a Sienna a agarrar-lhe o braço para que este não caísse.

— Mana, vamos? Eu tenho turno amanhã de manhã na gelataria.

De forma inconsciente, fixei no Brady. Este olhava-me de volta.

— Nora?

— Sim, sim.

O Brady aproximou-se discretamente e sussurrou:

— Fica mais um pouco.

A minha pele arrepiou-se por baixo do casaco de ganga. Engoli em seco, acenando para mim própria. Eu ia mesmo fazer aquilo.

— Na verdade, Nathan, acho que vou ficar um pouco mais.

— Não te preocupes, Nate. Eu depois levo-a a casa.

— Está bem. Tu é que sabes. Obrigado, meu. Um abraço. — E, assim, correu para longe de nós e, pela primeira vez, eu estava a sós com o Brady.

